

POEMAS AFRICANOS

Hidemi Omae

(Tradução para japonês e notas biográficas)

Antónia Gertrudes Pusich

Antónia Gertrudes Pusich nasceu a 1 de Outubro de 1805, na ilha de São Nicolau, Cabo Verde e faleceu a 6 de Outubro de 1883 em Lisboa. Desde criança, habituada a ler e escrever com a educação dada pelo seu pai, começou a actividade literária nomeadamente com versos já muito nova. Tendo passado três casamentos, chegou a publicar pela primeira vez só em 1841, sendo a mais conhecida «Olinda ou A Abadia de Comnor Place» de 1848. Foi a primeira jornalista portuguesa que assinou o seu próprio nome no cabeçalho.

Eugénio Tavares

Eugénio Tavares nasceu a 18 de Outubro de 1867 e faleceu a 1 de Junho de 1930 na ilha Brava, Cabo Verde, que se contribuiu para formação cultural dele como poeta. O pai dele era português, mas foi adoptado pelo José Martins de Vera Cruz, que tomou posse como presidente da Câmara da Brava. Ainda com a idade de 12 anos, iniciou-se na poesia e publicou-se a primeira obra de poesia aos 15 anos. Procurou o discurso literário através da canção e da fala do povo com os temas de amor, saudade e mulher. Deixou uma vasta obra da poesia à música, da retórica aos ensaios, sendo uma figura representante da cultura e da sociedade caboverdiana.

Caetano da Costa Alegre

Caetano da Costa Alegre nasceu a 26 de Abril de 1864 em São Tomé e Príncipe e faleceu a 18 de Abril de 1890 em Alcobaça. Mudou-se para Portugal para ser médico naval acabando por ser obrigado a abandonar o seu sonho por causa da morte precoce. O seu único livro, *Versos* (1916), foi publicado após a sua morte. A sua poesia identifica-se com a origem africana expressa nas descrições sobre o tema racial e as recordações nostálgicas de vida em São Tomé.

Antónia Gertudes Pusich (1805-1883, Cabo Verde)

«Quadras de Antónia Pusich»

Eu vos saúdo, majestosas serras
Montes e vales, verdejantes plagas,
doce mistério que na gruta encerras
perfumes da tarde, harmonias vagas!

Eu vos saúdo, laranjas floridas
ribeiro manso que o luar prateia
celestes lumes da amplidão caídas
frondente ramo que para Deus s'alteia!

Eu vos saúdo, todos vós, n'estância
e, hoje, nesta angústia hora
relembra mais a minha doce infância
prazer suave que minh'alma adora!

Oh! como sinto um turbilhão de ideias
aqui sozinha contemplando os montes,
virentes cumes, cristalinas veias
ouvindo, meigo, o sussurrar das fontes!

“アントニアによる行詩”

あなたたちに別れの挨拶を、雄大な山脈よ
山々と谷、緑に覆われた我が大地
岩穴に宿す甘美な神秘
午後の香り、何ともいえないハーモニー!

あなたたちに別れの挨拶を、満開のオレンジよ
月明かりが銀色に照らす小川
果てしない空から降りそそぐ光
天へ向かって伸びる青々とした枝!

あなたたちに別れの挨拶を、あなたたちすべてに
この地で、今日、身の裂かれるこの瞬間に
懐かしい子供時代がまた甦る
私の大好きな、あの穏やかな至福のとき!

ああ、想いがつむじ風のように ここでひとり、
じっと見つめている 山を、緑の頂を、輝く鉱脈を
そっと耳を傾けている
やさしい、泉のささやきに!

Eugénio Tavares (1867-1930, Cabo Verde)

«Canção ao Mar – Mar Eterno»

Oh mar eterno sem fundo sem fim
Oh mar das túrbidas vagas oh! Mar
De ti e das bocas do mundo a mim
Só me vem dores e pragas, oh mar
Que mal te fiz oh mar, oh mar
Que ao ver-me pões-te a arfar, a arfar
Quebrando as ondas tuas
De encontro às rochas nuas
Suspende a zanga um momento e escuta
A voz do meu sofrimento na luta
Que o amor ascende em meu peito desfeito
De tanto amar e penar, oh mar
Que até parece oh mar, oh mar
Um coração a arfar, a arfar
Em ondas pelas frâguas
Quebrando as suas mágoas
Dá-me notícias do meu amor
Que um dia os ventos do céu, oh dor
Os seus abraços furiosos, levaram
Os seus sorrisos invejosos roubaram
Não mais voltou ao lar, ao lar
Não mais o vi, oh mar
Mar fria sepultura
Desta minha alma escura
Roubaste-me a luz querida do amor
E me deixaste sem vida no horror
Oh alma da tempestade amansa Não me leves a saudade e a esperança

Que esta saudade é quem, é quem
Me ampara tão fiel, fiel
É como a doce mãe
Suavíssima e cruel

Nas mágoas desta aflição que agita
Meu infeliz coração, bendita!
Bendita seja a esperança que ainda
Lá me promete a bonança tão linda

“海に捧げる歌 - 果てしない海”

ああ、果てしない海よ、底もなく終わりもない
ああ、うねり波打つ海よ、
あなたから、風の便りから、私の元へ届くのは
痛みと苦しみだけ、ああ海よ

なんてひどいやつなの、ああ海よ、ああ海よ
私を見るなり喘ぎ始める
波を打ち砕きながら
裸の岩にぶつかっていく

怒りを抑えて、聞いてちょうだい
葛藤に苦しむ私の声を
恋しさが込み上げる
あまりの愛と苦しみに潰れてしまった私の胸に、ああ海よ

海よ、ああ海よ、
まるで燃えさかる波にもまれながら
心が喘ぎ、喘ぎ、
悲しみを打ち砕いているようよ

愛する人の知らせを届けて
なんてことなの、
ある日、空から吹く空に、その荒々しい腕に
その妬ましい微笑みに、あの人は連れ去られてしまった

それっきり家へは帰ってこない、帰ってこない
それっきり会えない、ああ海よ
冷たい海は
私の真っ暗に陰った心を吊う墓場

あなたは私から愛の灯火を奪ってしまった
私を、生きる希望のない暗闇に置き去りにして
ああ、荒れ狂う魂よ静まれ
焦がれる想いと希望を奪わないで

この寂しさは誰なの、誰なの
私を支える、揺るぎなく、揺るぎなく
この上なくやさしく残酷な
懐かしい母のように

この苦しみの中で、
掻き乱れる私の心よ、どうか救われて！
美しい平穏がまた訪れることを、
願って止まない希望の心よ、どうか救われて

Caetano de Costa Alegre (1864-1890, São Tomé e Príncipe)

«A Negra»

Negra gentil, carvão mimoso e lindo
Donde o diamante sai,
Filha do sol, estrela requeimada,
Pelo calor do Pai,

Encosta o rosto, cândido e formoso,
Aqui no peito meu,
Dorme, donzela, rola abandonada,
Porque te velo eu.

Não chores mais, criança, enxuga o pranto,
Sorri-te para mim,
Deixa-me ver as pérolas brilhantes,
Os dentes de marfim.

No teu divino seio existe oculta
Mal sabes quanta luz,
Que absorve a tua escurecida pele,
Que tanto me seduz.

Eu gosto de te ver a negra e meiga
E acetinada cor,
Porque me lembro, ó Pomba, que és queimada
Pelas chamas do amor;

Que outrora foste neve e amaste um lírio,
Pálida flor do vale,
Fugiu-te o lírio: um triste amor queimou-te
O seio virginal.

Não chores mais, criança, a quem eu amo,
Ó lindo querubim,
O amor é como a rosa, porque vive
No campo, ou no jardim.

Tu tens o meu amor ardente, e basta
Para seres feliz;
Ama a violeta que a violeta adora-te
Esquece a flor-de-lis.

“黒人の娘”

美しい黒人の娘、繊細で端正な石炭のよう
ダイヤモンドに生まれ変わる
太陽の娘、黒く焼かれた星のよう
父の熱に焼かれて

美しくあどけない顔を
私の胸に預けておしまい
眠っておしまい、お嬢さん、見捨てられた小鳩
私がそばで見守っているから

もう泣くのはおよし、涙をふいて
微笑んでおくれ
輝く真珠を見せておくれ
象牙のように白い歯を

君は気付いていない、そのすてきな胸に
どれほどの光を秘めているか
暗い肌が、その光を吸い込んでしまう
その肌に、私は心奪われている

黒く美しい君を見ていたい
つややかなその色を
小鳩よ、君が恋の炎に焼かれたことを
思い出すから

かつて君は雪のように純粹で、百合の花を愛した
溪谷に咲く真っ白な花、
百合は姿を消してしまった、悲しい恋は
君の無垢な胸を焦がしてしまった

もう泣くのはおよし、愛しいお嬢さん
美しい天使よ、
愛は薔薇のようだ、
野に、あるいは庭に、咲いているのだから

君には私の燃える愛がある、
幸せになるために十分な愛が
スマイルを愛してごらん、スマイルは君を愛しているのだから
百合の花は忘れておしまい